

Vamos *cantar* histórias?

12

Leila Mury Bergmann*
Maria Cecília A. R. Torres**

Resumo: O objetivo maior deste artigo é o de apresentar algumas possibilidades de trabalho com atividades que envolvam obras de literatura infantil e músicas, na perspectiva da Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental. Como suporte teórico, o trabalho apresenta diversos estudos de autores, tais como Brito (2003), Ponso (2008), Souza (2006), Torres e Gallicchio (2004) entre outros, que sugerem desenvolver atividades de exploração sonora através da audição/apreciação e improvisação/sonorização a partir de alguns textos e de livros de literatura infantil. Constatou-se que a proposta de atividades, transformando palavras em músicas, possibilita interpelar os leitores a experimentarem diferentes sons para compor a trilha sonora de histórias. Além disso, ao selecionar um repertório diversificado com vários textos, criam-se possibilidades aos alunos para contarem, recontarem e *cantarem* variadas histórias, permitindo, dessa maneira, a entrada de diferentes vozes sociais.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Música. Prática pedagógica.

Abstract: This article's main purpose is to present a few possibilities of work with activities that involve pieces of children's literature and music in the perspective of Children's Education and first years of Primary School. As theoretical support, the paper presents several studies from authors such as Brito (2003), Ponso (2008), Souza (2006), Torres and Gallicchio (2004), among others who suggest developing activities of sound exploration through audition/appreciation and improvise/sound editing from some texts and books of children's literature. A conclusion has been reached that the proposal of activities transforming words in music enables readers to experiment different sounds to compose the soundtrack of stories. Besides, when selecting a diversified repertoire with several texts, possibilities are created to the students to tell, recount and sing varied stories, allowing, thus, the entrance of different social voices.

Keywords: Children's literature. Music. Pedagogical practice.

* Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora na UFRGS. *E-mail:* lmuryb@terra.com.br

** Doutora em Educação pela UFRGS. Professora no Centro Universitário Metodista do Sul (IPA).

Preâmbulos

O objetivo maior deste artigo é o de discutir e apresentar algumas possibilidades de trabalho com atividades que envolvam obras de literatura infantil e músicas, na perspectiva da Educação Infantil. Assim, a proposta que sugerimos tem como foco desenvolver atividades de exploração sonora através da audição/apreciação e improvisação/sonorização a partir de alguns textos e de livros de literatura infantil. Importa lembrar o fato de que, ao trabalharmos atividades transformando palavras em músicas, “talvez tenhamos uma concepção um tanto limitada da música. Afinal, não é necessário ser iniciado nas regras dessa arte, ser capaz de decifrar e ler as notas para sentir prazer em um concerto”. (HALBWACHS, 2006, p. 215).

Nesse sentido, trazemos duas citações a respeito do que pensamos sobre sugestões desenvolvidas em torno das *palavras que cantam*:

Transformar textos em música tem uma larga tradição na área de educação musical. Talvez tenham sido Carl Orff e Murray Schafer quem definitivamente introduziu de uma forma mais sistemática a necessidade de improvisar e criar música a partir de parlendas como trava-línguas, fórmulas de escolha e mnemônicas, assim como rimas, quadrinhas e ditos populares. Aos textos advindos da literatura oral foram dados alturas, timbres, ritmos e, assim, as palavras passaram a cantar. (SOUZA et al., 2006, p. 9).

Ainda:

Tristeza, alegria, projetos, esperanças, qualquer que seja nossa disposição interior, parece que toda música, em certos momentos, pode entreter, aprofundar, aumentar sua intensidade. É como se a sucessão dos sons nos apresentasse uma espécie de matéria plástica sem um significado definido, mas pronto para receber o que o espírito estiver disposto a lhe dar. (HALBWACHS, 2006, p. 216).

Narrativas das autoras

Toda história tem um começo e, assim sendo, decidimos iniciar este artigo contando um pouco da nossa trajetória profissional como

professoras de Língua Portuguesa e de Música, na intenção de mostrar de que maneira a temática relacionada ao *cantar* histórias encontra-se amalgamada em nossa caminhada como docentes.

Tal caminhada teve início na década de 90, em uma escola da rede particular de ensino de Porto Alegre, quando lecionávamos nas mesmas turmas (Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental). Era uma escola montessoriana, que estimulava a apreciação musical, abrindo espaço para que os professores pudessem criar e desenvolver projetos em diversos campos de saberes envolvendo a música. Assim, tanto a área da Educação Física como a da História, passando pela Língua Portuguesa e até a da Matemática, estimulavam a sonorização. Como bem aponta Brito:

algumas canções, pelos temas que enfocam, podem servir ao desenvolvimento de outras atividades, musicais ou não. Às vezes, é a canção que nos remete a outros conteúdos, ao passo que outras vezes ocorre o contrário: algum projeto que vem sendo desenvolvido pelo grupo pode estimular a introdução de determinada canção. (2003, p. 119).

E foi assim que a nossa *parceria* surgiu. Estávamos em dezembro, e a escola preparava uma festa de fim de ano. Resolvemos, então, fazer um *teatro* com as crianças a partir da lenda alemã de São Martim. A ideia era mostrar um pouco da cultura de um outro país, contando e cantando uma história nova para os alunos. O resultado foi bastante positivo e acreditamos que cabe, aqui, descrevê-lo. As turmas do Jardim de Infância apreciaram a história, a qual passaremos, resumidamente, a narrar.

Segundo a lenda,¹ São Martim era um soldado no século IV que, em uma noite de inverno, ao passar por um vilarejo, avistou um mendigo que estava prestes a morrer de frio. Sem pensar duas vezes, com um golpe de espada, São Martim passou a mão em sua capa, repartindo-a em dois pedaços, ficando com a metade e entregando a outra para o mendigo. Além da bela encenação do espetáculo em si (que descreveremos a seguir), a mensagem principal dessa tradição é compartilhar o que se tem com aqueles que necessitam.

¹ Conforme relato oral de Leila Mury Bergmann que assistiu a algumas apresentações da festa, na Alemanha, em 1988.

Em toda a Alemanha, para celebrar a festa de São Martim, as crianças confeccionam lanternas² de papel e, dentro delas, colocam uma vela. Na noite do dia 11 de novembro, os pequenos caminham com as lanternas acesas (alguns bebês carregam-nas em seus carrinhos) cantando cantigas em honra ao santo e outras sobre o sol, a lua e as estrelas. Conforme a tradição cultural do país, essa também é uma forma de trazer um pouco de luz para as noites frias e longas do inverno.

Assim, todos os anos, nesse dia, uma grande procissão percorre ruas até chegar a algum parque onde é feito um enorme círculo em torno de uma imensa fogueira. A seguir, há uma encenação onde São Martim aparece (às vezes ele vai acompanhando o cortejo) montado em um cavalo branco, com uma capa vermelha. Há um mendigo no meio da roda, que recebe parte da capa que o próprio São Martim corta e lhe oferece.

Após esse gesto, o cavaleiro diz a todos: “Assim como eu dividi meu manto agasalhando quem dele necessitava, vocês também devem fazer o mesmo.” Logo após, cada criança escolhe um(a) companheiro(a) para compartilhar um biscoito ou um pão, que as famílias levam para repartir com todos. Na sequência, a letra da música mais cantada durante a caminhada:



*“Ich geh mit meiner Laternel und meine Laterne mit mir/
Da oben leuchten die Sternel und unten da leuchten wir/
Mein Licht ist aus/ ich geh nach Haus/
La bimmell/ la bammell/ la bum.”³*

Interessa sublinhar que, quando trabalhamos com crianças a história de São Martim, pudemos observar o quanto elas se interessaram pela narrativa, justamente pelo fato de a terem conhecido por meio da música. Ou seja, iniciamos apresentando a canção (na língua alemã),

² Essas lanternas são feitas, normalmente, pelas crianças nas escolas e nas creches no princípio do mês de novembro e possuem as mais variadas formas: animais, sol, lua, estrela, etc. ou formas geométricas decoradas com papel transparente de todas as cores. Como alternativa, há as que se compram nas lojas, que vêm munidas de uma luzinha à pilha.

³ “Eu vou com a minha lanterna/ e a minha lanterna vai comigo/ lá em cima brilham as estrelas e aqui embaixo brilhamos nós/ minha luz apagou/ eu vou pra casa.” (Trad. livre das autoras).

traduzindo-a e, a partir dela, contamos a lenda de São Martim. Dessa maneira, a música passou a ser um fio condutor para a realização da contação de histórias, oportunizando o desenvolvimento de projetos integrados (confeção das lanternas, encenação da lenda, etc.) e tornando mais rica e abrangente a experiência das crianças rumo à construção do conhecimento. E, nessa direção,

é importante apresentar às crianças canções do cancionário infantil tradicional, da música popular brasileira, da música regional, *de outros povos*, etc. Além de cantar as canções que já vêm prontas, elas devem ser estimuladas a improvisar e a inventar canções. (BRITO, 2003, p. 93, grifo nosso).

Assim, nessa perspectiva de desenvolvermos um trabalho com histórias e músicas de “outros povos”, conforme citação de Brito, optamos por selecionar um repertório diversificado com vários textos, operacionalizando possibilidades aos nossos alunos para que contassem, recontassem e cantassem diferentes histórias.

Um outro exemplo de atividade envolvendo narrativa e sonorização que, sem dúvida, vale mencionar aqui, foi um trabalho desenvolvido com turmas de 1ª série do Ensino Fundamental a partir do texto de Manuel Bandeira: “Trem de Ferro”. Os grupos musicalizaram e apresentaram a poesia que narra a passagem de um trem que, no início, não andava depressa porque estava “com fome” e pedia, bem devagar:

“Café com pão/
Café com pão/
Café com pão [...]”



Ao perceberem que “fogo na fornalha” era o alimento, era o combustível do trem – que recebendo “comida”, começou a andar mais rapidamente –, as crianças passaram a sonorizar a narrativa mais depressa:

[...]
Bota fogo!
Na formalha!
Que eu preciso!
Muita força!
Muita força!
Muita força! [...]”.

Da mesma forma, em sintonia com o movimento de um trem – e usando a voz para imitar o apito do mesmo – os alunos observaram que deveriam *cantar* a passagem do trem de forma rápida até o fim do texto, pois, além de estar “alimentado”, ele só levava

Pouca gente!
Pouca gente!
Pouca gente [...]”.

As crianças sonorizaram o texto em forma de jograis (em grupos) e criaram também novas histórias inventando viagens, através da descrição de paisagens e caracterização de outros passageiros. Conforme Brito (2003), existem ótimos temas para se trabalhar com os pequenos, e o trem é um deles. Segundo a autora citada, “podemos explorar uma série de outras questões, como os meios de transporte, a ideia de viajar, os muitos lugares do mundo, as variações de velocidade, os sons produzidos pelo trem, o que se encontra pelo caminho, etc.” (p. 119).

A exemplo disso, o simples trabalho em sala de aula utilizando, por exemplo, a técnica do *Cloze* (exercício que explora principalmente as relações das palavras umas com as outras dentro do texto) modifica as condições de recepção e, conseqüentemente, a produção de sentido do texto. Dessa maneira, atividades, como a que apresentaremos a seguir, operacionalizam a entrada, por exemplo, de diferentes vozes sociais.

Após ouvirem a canção “História de uma gata” (do musical “Os Saltimbancos”),⁴ os alunos devem criar uma “História de...” qualquer

⁴ A opereta infantil “Os Saltimbancos”, feita pelo letrista italiano Sergio Bardotti, e adaptada e traduzida em 1977 por Chico Buarque, a partir da história “Os músicos de Bremen”, dos Irmãos Grimm. “Os Saltimbancos” explora na sua essência o valor da liberdade. Quando estreou no Brasil em 1977 – em plena época de ditadura –, suscitou leituras políticas a partir da metáfora de animais que, cansados da exploração de seus patrões, decidem formar um grupo e sair cantando pelo mundo. É um momento de rara felicidade, pois o jumento não mais terá de carregar peso, a

coisa, podendo ser a “História de *um carro*”, “História de *uma nuvem*”;⁵ enfim, o tema é livre, e a escolha fica a critério dos estudantes. Primeiramente, apresentaremos o texto entregue aos alunos e, a seguir, a proposta de se trabalhar com os mesmos.

HISTÓRIA DE UMA GATA
(Enriquez Bardotti/Chico Buarque/1977).

*Me alimentaram.../
Me acariciaram.../
Me aliciaram.../
Me acostumaram.../
O meu mundo era o apartamento/
Detefon, almofada e trato/
Todo dia filé-mignon/
Ou mesmo um bom filé... de gato/
Me diziam, todo momento/
Fique em casa, não tome vento/
Mas é duro ficar na sua/
Quando à luz da lua/
Tantos gatos pela rua/
Toda a noite vão cantando assim/
Nós, gatos, já nascemos pobres/
Porém, já nascemos livres/
Senhor, senhora ou senhorio/
Felino, não reconhecerás/
De manhã eu voltei pra casa/
Fui barrada na portaria/
Sem filé e sem almofada/
Por causa da cantoria/
Mas agora o meu dia-a-dia/*

galinha não terá obrigação de botar ovos, o cão deixará de ouvir ordens, e a gatinha não será tratada como enfeite. O seu mérito maior foi relacionar, com absoluta lucidez, para a linguagem infantil, temas complexos como exploração social e desigualdade. Coexistem no mesmo texto a sutileza e o lúdico, que instigam as crianças, e o teor político que torna “Os Saltimbancos” interessante também para o público adulto.

⁵ Esses títulos foram escritos por alguns alunos quando as autoras do presente artigo realizaram essa atividade em uma escola com alunos de uma 5ª série do Ensino Fundamental.

*É no meio da gatarial/
Pela rua virando lata/
Eu sou mais eu, mais gata/
Numa louca serenata/
Que de noite sai cantando assim/
Nós, gatos, já nascemos pobres/ Porém, já nascemos livres/ Senhor,
senhora ou senhorio!
Felino, não reconhecerás!.*

HISTÓRIA DE...

Esse exercício foi trabalhado, certa vez, pelas autoras do presente artigo, numa escola com alunos de uma 5ª série. Acreditamos ser relevante trazer um exemplo de um texto de uma aluna e ressaltar que o mesmo foi produzido em aula:

HISTÓRIA DE UMA VIDA

*A vida passa
Já cheguei até aqui
Parece um trem
piuí, piuí!
Pena que não posso rever
Todos os momentos dela
Fico olhando pela janela
O que chegará mais nela?
Pena que não posso olhar
Meu rosto em todas as idades
Fico entre as grades a pensar nisso
A vida passa
Já cheguei até aqui
Parece um trem
piuí, piuí!...*

Gostaríamos de pontuar aqui que uma atividade como essa não é algo *fácil* ou tranquilo de se propor em sala de aula, pois muitos alunos encontram certa resistência ao realizá-lo. Arriscamos dizer aqui que isso ocorre devido ao receio de se “macular” o texto *original*; principalmente encontrando dificuldade em modificar o fim previamente escolhido pelo autor *original*. A palavra *original* está grifada por que

o sentido de texto é relativo: o texto será sempre trecho da semiose cultural que se constitui como um processo constante [...]. Falar em autonomia de um texto é, a rigor, improcedente, uma vez que ele se caracteriza por ser um “momento” que se privilegia entre um início e um final escolhidos. Ninguém conseguiria, quer como produtor, quer como receptor, esgotar a extensão simbólica da cultura inteira. Os textos funcionam, então, como unidades necessárias à própria existência da rede cultural. São recortes que se fazem, e aos quais se atribuem uma integridade, um sentido, uma função. (PAULINO et al., 1995, p. 15).

Na pesquisa realizada por Torres acerca das memórias musicais de um grupo de mulheres, ao perguntar sobre as músicas que lembravam a época da infância, uma das entrevistadas trouxe o seguinte relato:

Na infância, ouvia os discos de cantigas de roda e de histórias musicadas (“A história da Baratinha”, “O patinho feio”, “Pedro e o lobo”, “Os três porquinhos” e outras). Ouvia e aprendia as músicas que minha irmã, 6 anos mais velha, trazia da escola. (2003, p. 117).

No trabalho, as entrevistadas escreveram sua autobiografia musical e, como o excerto acima, várias integrantes dessa pesquisa trouxeram lembranças de histórias musicadas e narradas nos discos coloridos como “Pedro e o lobo” e “Os três porquinhos”, fazendo, dessa maneira, uma associação entre músicas e personagens do texto literário.

Relações da música com a literatura infantil: ouvir histórias e criar trilhas

No campo da educação musical, vários autores discutem e abordam aspectos do *cantar* histórias e de palavras que *cantam*, ao abordar propostas de se trabalhar com parlendas e ditos populares. Destacamos, dentre eles: Stiff e Maffioletti (2004), Brito (2003), Parejo (2007), Torres e Gallicchio (2004), Souza et al. (2006), Beineke e Freitas (2006) e Ponso (2008). Gallicchio (2004), em atividade musicoterápica com crianças hospitalizadas, enfatiza que a “história musicada e/ou cantada é geralmente utilizada após uma das precedentes. É sugerido à criança criar uma história relacionada com o que vivenciou. A criança cria, toca e canta suas histórias. (TORRES; GALLICCHIO, 2004, p. 192).

Ponso (2008), em trabalho que desencadeia reflexões entre a música e a literatura infantil, no espaço da Educação Infantil, pontua que “a literatura traz consigo um universo a ser explorado pela música como poemas, parlendas, lendas, fábulas, quadrinhas, trava-línguas, provérbios e histórias infantis”. A citada autora complementa suas ideias ao destacar que “nos livros infantis, alguns autores utilizam a temática musical em suas histórias, nas quais as personagens são cantores, músicos ou instrumentos musicais”. (p. 23).

Nesse sentido, pontuamos algumas questões que apresentamos a seguir e que podem embasar nossas análises e reflexões e, inclusive, suscitar diversas outras propostas e ideias, a partir de um conjunto de livros infantis. Dentre elas destacamos: De quantas maneiras contaremos esta ou aquela história? Quantas trilhas sonoras teremos? Quais serão os sons escolhidos para compor a sonorização? Qual será o papel do narrador? Como *cantar* esta ou aquela história?

É necessário lembrar que “as crianças se expressam e se relacionam não só com a música, mas com todas as formas de representação simbólica. Brincando, exercitam questões que passam por aspectos emocionais, sensíveis, cognitivos”. (BRITO, 2003, p. 170).

Podemos, ainda, pensar em sonorizar ditados populares e parlendas, como, por exemplo: *Água mole em pedra dura tanto bate até que fura* ou *O rato roeu a roupa do rei de Roma*. Nessa mesma perspectiva, trazemos as obras: *Quem lê com pressa, tropeça*; *O ABC do trava-língua* de Elias José e *O livro do trava-língua*, de Ciça (1986); o livro de Viviane Beineke e Sérgio Freitas; *Lenga la lenga, jogos do copo e mãos* (2006)

também apresenta uma série de ditados populares e parlendas, explorando aspectos rítmicos e de coordenação, ao mesmo tempo que trabalha com a improvisação e a criação de melodias e de sonoridades para essas parlendas. Certamente são livros que convidam os leitores, de diferentes faixas etárias, a entrar e participar desses jogos e a cantar essas trovas ou ditados populares.

Importa acrescentar, ainda, o fato de que comungamos com a ideia de que os textos (sejam eles verbais, sejam eles não verbais) constituem uma proposta de significação que nunca está totalmente encerrada, pois a significação dos mesmos se dá justamente no atravessamento de olhares entre o texto e seu destinatário. Ainda: tanto o leitor como o ouvinte de um texto podem ser considerados como um interlocutor ativo no processo de significação, já que ele poderá *participar* das histórias tanto quanto o autor.

Ao terminarmos uma leitura, muito provavelmente, não estaremos iguais a nós mesmos como no começo; ou seja, se o texto *passou* por nós e foi como uma *experiência* de leitura, algo ele deixou. Ler como *experiência* afeta o nosso eu, nos constitui ou põe em questão ou modifica o que somos.⁶ Enfim, as diferentes maneiras de ler e de interpretar os textos são consequência da margem de liberdade que tem o leitor diante do resultado ideal que, muitas vezes, supõem os autores e editores.

O processo de ensino e aprendizagem em Língua Portuguesa, nessa perspectiva – unindo histórias e músicas – possibilita ao aluno explorar sua autonomia, desenvolvendo e exercitando sua memória, seu raciocínio, sua capacidade de percepção e sua criatividade. Esse indivíduo criativo é um elemento importante para o funcionamento efetivo da sociedade, pois é ele quem faz descobertas, inventa e promove mudanças. Enfim, trabalhar com esse tipo de estratégia metodológica permite desenvolver a capacidade comunicativa dos alunos.

Dessa maneira,

podemos trabalhar com histórias prontas, com contos de fadas, recorrendo a livros só de imagens, inventando, pedindo a colaboração das crianças, etc. [...] O educador ou educadora deve manter-se atento aos interesses e temas de estudo e pesquisa do grupo, favorecendo a criação de situações ricas e estimulantes para as crianças. (BRITO, 2003, p. 170).

⁶ LARROSA (1996, p. 48) desenvolve essa ideia de “ler como experiência”, afirmando que o ato de “ler tem efeitos sobre nós, nos forma ou nos transforma ou nos de-forma”.

Alguns livros infantis e suas possibilidades de interlocução com a música

A Coleção *Tóc, Tóc*, de autoria de Liliana Iacocca e com ilustrações de Michelle Iacocca (Ed. Ática) é um conjunto de seis volumes, e cada um deles traz texto e imagens que possibilitam a exploração e a criação sonora através do uso de sons corporais, sons vocais, instrumentos musicais e o uso de objetos sonoros que fazem parte do cotidiano dos alunos. Cada um dos volumes narra uma história em um determinado contexto e, através das ilustrações e do texto, interpela os diferentes leitores a experimentarem sons para compor a trilha sonora da história.

Os seis títulos são: *Fom, fom, um barulho da cidade*; *Uuuuuu, um barulho estranho*; *Trimmmm, um barulho da casa*; *Plic, plic, um barulho da chuva*; *Tum, tum, tum, um barulho do corpo* e *Sssssss, um barulho da mata*. Esse é um material que não é específico de música, mas da área de literatura infantil e, certamente, permite múltiplas narrativas da mesma história. Conforme Halbwichs),

embora a música esteja trespassada por convenções, muitas vezes, é verdade, ela se inspira na natureza. O sussurro do vento nas folhas, o murmúrio das águas, o rugido do trovão, o barulho de um exército em marcha ou uma multidão rumorejante, os variados sotaques da voz humana, os cânticos populares exóticos, todos os abalos sonoros produzidos pelas coisas e pelos homens passaram para as composições musicais. (2006, p. 210).

Destacamos aqui o fato de que já tivemos oportunidade de trabalhar com essas histórias de Iacocca com grupos de alunos de cursos de graduação em Música, bem como de graduação em Pedagogia, com professores que atuam nas séries iniciais, com turmas de EJA, em creches e escolas de Educação Infantil. Ressaltamos que cada grupo *canta*, sonoriza essas histórias de maneira singular. A esse respeito, o mesmo autor (p. 211) nos lembra: “Não é verdade que certas obras são construídas em cima de temas que em si não são musicais, como se desejássemos reforçar o interesse da música pela atração do drama?”

Uma outra proposta seria criar, em grupos, várias trilhas sonoras para o livro *O encontro com Bonifácio*, de autoria de Bergmann com ilustrações de Celso Vitelli (2007). Depois de contarmos a história para toda a turma, podemos desencadear o processo de sonorização do texto,

através da leitura de cena por cena, contextualizando os cenários e os personagens da história. Assim, o ouvinte poderá escutar e imaginar toda a situação narrada, enriquecida pela sonoplastia.⁷ Sugestão de algumas cenas, por exemplo: “Marcelo, Laurinha e José Pedro eram três amigos que moravam numa cidadezinha onde havia uma praia linda, quase sempre deserta. Os três gostavam muito de catar conchas e observar as ondas que quebravam na areia”. (p. 2). Ou desta cena: “Levaram um susto! Era um peixão enorme, preto, parecendo uma baleia. Laurinha deu um grito, José Pedro e Marcelo pensaram em fugir. Mas o peixão disse: – Não tenham medo, por favor!...” (p. 3). Como representar esse peixão? E qual seria a ambientação dessa linda praia? Essas são apenas algumas sugestões para *cantarmos* a história do Bonifácio, com a possibilidade de apresentar essas versões *cantadas* para seus colegas, explorando aspectos de dinâmica, andamento e timbres.

Em um outro bloco, organizamos alguns livros infantis que oferecem possibilidades variadas de serem as histórias cantadas ou contadas, já que formam um conjunto: livro e CD, como na obra *A mulher gigante*, de Gustavo, Finkler e Jackson Zambelli (2000). Outros, como *E os pintinhos? Piu, piu e O meu chapéu*, ambos de autoria de Ângela Leite de Souza trazem o texto a partir da letra original de canções infantis. Temos também a obra *Tem gato na tuba*, cujos autores são Braguinha e Alberto Ribeiro (2005), que narra a letra de uma música popular que conta a história de um gato que entrou em uma tuba, e, quando o instrumento é tocado, o gato começa a miar.

Finalizamos estas reflexões com uma citação de Brito (2003) a respeito das múltiplas possibilidades que temos de trabalhar com sons e músicas e dos entrelaçamentos que podemos realizar com textos de literatura infantil. Dessa forma, encerramos fazendo com um convite para todos os leitores: Vamos *cantar* histórias?

Descobrir que materiais usar (sons vocais, corporais, de objetos) é tarefa a ser desenvolvida em conjunto (quando as crianças já têm maturidade para isso), por meio de pesquisa dos materiais disponíveis na sala de aula ou que se encontrem no pátio da escola, etc. Sementes, folhas secas, pedrinhas, areia, água, bacias, diferentes tipos de papel, caixas de

⁷ “Sonoplastia é a técnica de sonorização de uma história, peça teatral ou filme. A sonoplastia tenta aproximar-se dos sons que pretende ilustrar com a maior precisão possível, usando, para tanto, materiais variados.” (BRITO, 2003, p. 164).

papelão, plásticos, enfim, tudo o que produz som pode ser transformado em material para sonorização de histórias, desde que tenhamos disposição para pesquisar, experimentar, ouvir e transformar. (BRITO, 2003, p. 164).

Referências: livros de literatura infantil

- BERGMANN, Leila Mury. *O encontro com Bonifácio*. Porto Alegre: Ed. da Autora, 2007.
- BRAGUINHA; RIBEIRO, Alberto. *Tem gato na tuba*. São Paulo: Nacional; Ibep, 2005.
- FINKLER, Gustavo; ZAMBELLI, Jackson. *A mulher gigante*. Porto Alegre: Projeto, 2000.
- IACOCCA, Liliana. *Coleção TóC TóC: Fom, fom, um barulho da cidade; Uuuuuu, um barulho estranho; Trimmmm, um barulho da casa; Plic, plic, um barulho da chuva; Tum, tum, tum, um barulho do corpo e Sssssss, um barulho da mata*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1996.
- SOUZA, Ângela Leite. *E os pintinhos? Piu, piu*. São Paulo: Scipione, 1993.
- SOUZA, Ângela Leite. *O meu chapéu*. São Paulo: Scipione, 1993.

Referências

- BEINEKE, Viviane; FREITAS, Sérgio Paulo. *Lenga la lenga – jogos de mãos e copos*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2006. Acompanha CD e DVD.
- BRITO, Teca Alencar de. *Música na Educação Infantil: proposta para a formação integral da criança*. São Paulo: Petrópolis, 2003.
- CIÇA. *O livro do trava-língua*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- JOSÉ, Elias. *Quem lê com pressa tropeça*. 10. ed. São Paulo: Lê, s/d.
- LARROSA, Jorge. Narrativa, identidad y desidentificación. In: _____. *La experiencia de la lectura*. Barcelona: Laertes, 1996.
- PAREJO, Eny. *Estorinhas para ouvir: aprendendo a escutar música*. São Paulo: Irmão Vitale, 2007.
- PAULINO, Graça; WALTY, Ivete; CURY, Maria Zilda. *Intertextualidade: teoria e prática*. Belo Horizonte: Lê, 1995.
- PONSO, Caroline Cão. *Música em diálogo: ações interdisciplinares na Educação Infantil*. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- SOUZA, Jusamara et al. (Org.). *Palavras que cantam*. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- STIFFT, Kelly; MAFFIOLETTI, Leda. Reflexões sobre improvisação musical no contexto das alunas do curso de Pedagogia. In: GOBBI, Valeria (Org.). *Questões de música*. Passo Fundo: Ed. da UPF, 2004.
- TORRES, Maria Cecília de A. R.; GALLICCHIO, Maria Elena. Articulações entre educação musical e arteterapia. In: GORMEZZANO, Graciela (Org.). *Questões em arteterapia*. Passo Fundo: Ed. da UPF, 2004.
- TORRES, Maria Cecília de A. R. *Identidades musicais de alunas da Pedagogia: músicas, memórias e mídia*. 2003. Tese (Doutorado em Educação) – PPGEd/UFRGS, Porto Alegre, 2003.